

O PESSOAL EXAGERA MUITO

MANDARAM-ME dizer coisas terríveis daquela môça: estava fazendo misérias em Paris. Andava em uma roda de meter mêdo. Vícios, todos. Praticamente perdida. "Se continuar assim..."

Depois eu soube que a môça passou uns dias em casa de um amigo meu. Trata-se de um homem quieto, morigerado, experiente. E êle acaba de me fazer um relatório:

"Em Paris não sei o que ela faz. Aqui ela se portou muito bem; espero que tenha gostado. Em matéria de vícios, para falar com franqueza, o que me parece é que ela gosta muito de jogar biriba a leite de pato — um pouquinho roubado. Também gosta de tomar banho de sol com uma pessoa passando a mão em seus cabelos. É carinhosa e engraçada. De tudo o que lhe ofereci, acho que o que ela gostou mais foi de uma canja que mandei fazer. "AdO!ro canja" — disse ela, e tomou dois pratos. Pode ser que tenha seus defeitos, mas tem uma qualidade: gosta de tomar banho — de banheira, de chuveiro, de mar.

Fuma pouco, só depois do cafézinho — e bebe apenas o suficiente para não incomodar com sua abstinência quem está bebendo. Mais o quê? Ah, crepúsculo no mar. Por acaso lhe mostrei um sol poente no mar; na tarde seguinte quis ir ver outra vez, e em uma semana viu qua-

tro. "Eu acho tão bonito! Dá vontade da gente ficar triste, pensando uma porção de bobagem."

Enfim, tirante essa coisa do crepúsculo — e o cafuné — não vejo que a nossa prezada conterrânea seja uma pessoa tão viciosa assim" — conclui o meu amigo, que é um homem quieto, morigerado e experiente.

* * *

A verdade é que o pessoal exagera muito.

Uma vez no Rio, em uma roda em que eu estava, um rapaz começou a contar histórias de uma certa senhora de sociedade. Eu, que nunca deixei de ser um homem do interior, confesso que estava boquiaberto:

— Mas não é possível... Uma senhora tão môça, tão fina, tão bonita, de uma família tão boa, e tão bem casada!

— Pois olhe: topa qualquer um!

E com uma exaltação de personalidade de Nélson Rodrigues:

— Qualquer um! **QUALQUER UM!**

Depois que o rapaz se foi, perguntei a um velho boêmio, bom conhecedor do *café-society*, e que ouviu tudo em silêncio:

— Mas é mesmo assim, hem?

Êle sorriu:

— Êsse rapaz é meio otimista...